

Eu leio primeiro. Depois a gente vê. –J.

Se você encontrar, devolva. Aqui, não: ao dono.

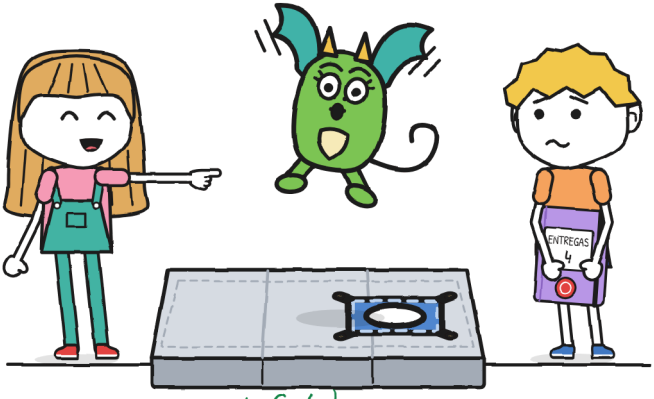


Este carimbo marca o que só acontece na história: dragões de verdade não existem e pacotes não voltam voando. Para brincar num pátio de verdade, veja a última página. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 4

Aqui não, Migalha!

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 4
Aqui não, Migalha!

Quarto livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde”, “Não abrir antes do trovão” e “Devolver, por favor”.

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

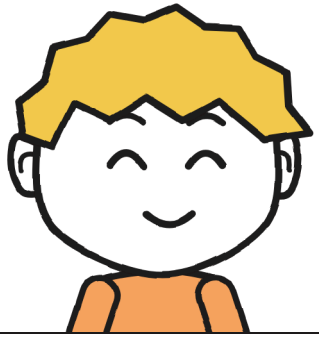
Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).



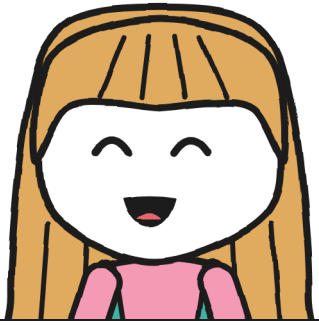
Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum dragão saiu ferido durante a escrita deste livro. Um capacete, um pouco. —J.

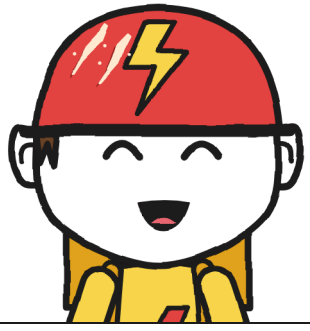
QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Este caderno é dele. Quer que a Migalha venha até ele.



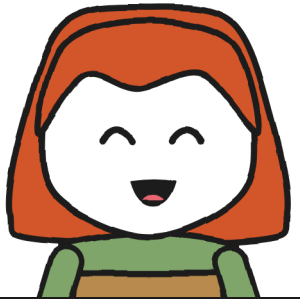
Júlia. Escreve em verde e assina J. Sempre tem uma ideia melhor. Mesmo que ninguém peça.



Toninho. Entrega pela RAIO, em dez minutos ou de graça. Desde esta semana, também sabe esperar.



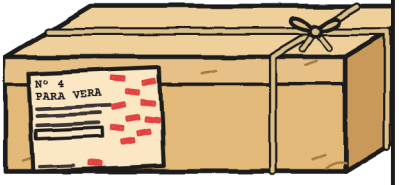
Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



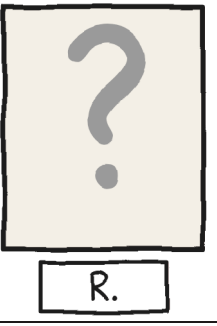
Vera. Cuida dos dragões da Casa dos Dragões. Põe as condições.



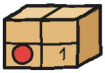
Migalha. Um filhote de dragão. Já sabe decolar. O difícil é descer.



O pacote nº 4. Plano e largo. Na etiqueta está escrito: ABRIR NO CHÃO.



R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.



CAPÍTULO 1

Quatro cantos

Da calçada veio um tlim, e depois outro, cada vez mais longe. O Toninho saía para a entrega dele com o sininho firme no guidão, e na loja ninguém disse nada até o som se apagar.

Então a Mara deixou um caderno em cima do balcão, ao lado do carimbo, e olhou para o outro lado. É o jeito dela de dar um caderno.

Era lilás. Um lilás quase da cor do chapéu da Mara, o que me pareceu uma indireta; só que a Mara não responde a indiretas e eu não pergunto, então a gente se entende. O caderno 3, o verde, tinha terminado com um sininho: na última folha ficavam uma tabela, um bilhete verde e nem uma linha livre. Fechei e deixei no balcão com o cuidado de quem guarda um casaco que já não serve e que não pretende dar para ninguém.

O novo tinha o carimbo da loja num canto e estava vazio de ponta a ponta. Caderno vazio tem uma vantagem: eu ainda não pisei na bola em nenhuma das páginas. Dura até a primeira palavra.

O 2 eu intitulei OFICIAL; o 3, SECRETO. Com os dois aconteceu a mesma coisa: eu mal escrevia e a Júlia lia como quem lê um convite. Para este, procurei uma palavra sem fresta, dessas que se fecham como uma caixa. Ensaiei a lápis numa folha solta, com a língua de fora, e quando saiu reta me preparei para passar a caneta.

A Júlia estava de pé ao meu lado, com a canetinha verde destampada numa mão e a outra levantada, como na aula. A vontade dela aparecia no cotovelo.

O caderno 3 quem estreou foi ela, enquanto eu ia buscar uma borracha, e me respondeu "de nada" antes que eu tivesse dito "obrigado". Com uma canetinha sem tampa a meio metro de uma página em branco, o normal era acontecer de novo.

Não aconteceu. Escrevi o título bem devagar, muito mais do que o necessário, para ver quanto ela aguentava. Aguentou. Quando terminei, pus o ponto final, que numa palavra assim é obrigatório.

DEFINITIVO.

— Já? — perguntou.

— Já.

Passei o caderno para ela. Escreveu de pé, depressa, com aquela letra dela que sempre parece chegar atrasada a algum lugar:

"Definitivo" quer dizer que eu leio primeiro. Depois a gente vê. —J.

Li duas vezes. "Definitivo" quer dizer que não admite mudança; "depois a gente vê" admite todas. É uma frase com a porta fechada e um pé na fresta. O que o bilhete não diz é que ela esperou. Isso eu anoto.



O de sempre, caso um dia alguém leia que não seja ela. A loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, quando estampa, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na estante da esquerda ela guarda os devolvidos: pacotes que ninguém conseguiu entregar, todos mandados por R. Se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a prateleira. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos três: um ovo de dragão, umas sementes que corriam e um sininho. Na parede, em letra verde, está escrito RESTAM 17.

O ovo era a Migalha. A Migalha já sabe decolar. O que ela não sabe é onde descer.

Ontem desceu na sopa da Vera.

A Vera tinha vindo pedir ajuda e o Toninho tinha se oferecido, mas antes ele tinha uma entrega. Então ela contou enquanto esperávamos, de pé junto ao balcão, com a Migalha no colo e o raminho torto no cabelo, e contou como quem lê uma conta. Foi ao meio-dia. Estava com a mesa posta — um prato fundo de sopa

de macarrão, uma colher, a toalha xadrez — e levantava a primeira colherada quando a Migalha saiu do ninho, atravessou a cozinha de asas abertas e cara de saber muito bem aonde ia, e desceu. Com as quatro patas. Dentro do prato.

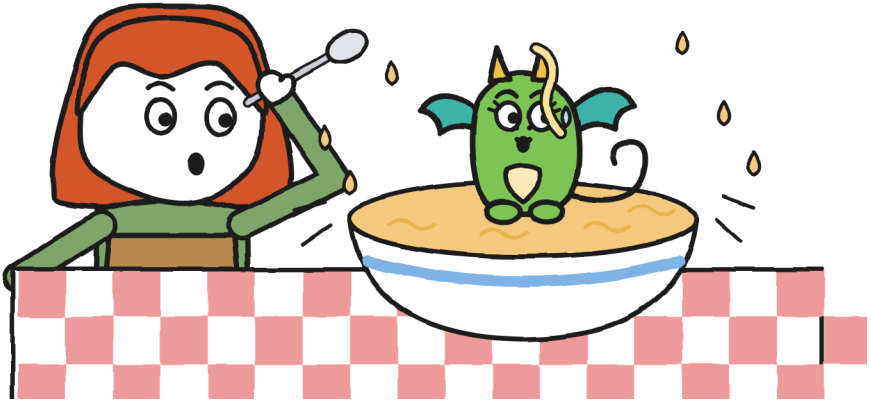
A Vera ficou com a colher no ar, que é onde fica uma colher quando deixa de servir para alguma coisa.

— Estava morna — disse, e foi a única coisa que disse.

A Migalha continuava com o macarrão pendurado num chifre, como uma medalha de algo que ninguém quer ganhar, e me olhava com uma cara que reconheci na hora, porque é minha: a de "não fui eu". Copiou de mim no primeiro dia e tira sempre que precisa. Sai muito bem.

Desenhei como me contaram, sem adjetivos.

A SOPA DA VERA (ontem)



Sopa de macarrão. Com dragão. –J.



O Toninho voltou em nove minutos e meio, que na RAIO é chegar com meio minuto de sobra e em qualquer outro lugar é ter corrido. Deixou a bicicleta na porta, entrou sem tirar o capacete e sentou na caixa dele, onde senta "por enquanto".

— Eu já sei esperar — disse. — Mas não precisava começar hoje.

Alguém o tinha feito esperar numa porta. Ele não contou; quem contava era o fecho do capacete, apertado demais.

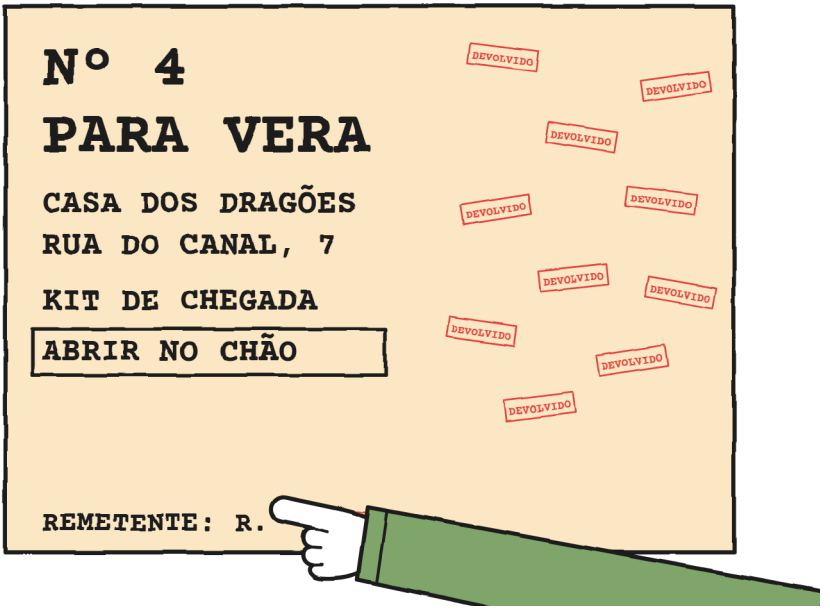
Então a Mara, sem subir em banquinho nenhum — ela alcança —, tirou um pacote da prateleira de cima e deixou no balcão.

— Vera. Isto é seu.

Não disse "é para você", disse "é seu". Pesa diferente.

Era uma caixa plana e larga, do tamanho de uma assadeira. Na estante, onde tinha estado, ficou um retângulo sem poeira: o quarto vazio, junto dos três de sempre. A Vera chegou perto com a Migalha no colo. O Toninho esticou o pescoço o quanto o capacete deixava.

A etiqueta do nº 4 diz muito mais que a do Toninhozinho, que não trazia nem rua. Esta traz até instruções.



Em volta, onze carimbos de DEVOLVIDO, vermelhos e tortos, como pegadas de um pássaro com pressa. Eu contei. A Júlia já tinha contado.

A Vera foi lendo com o dedo, linha por linha, parando em cada uma como um trem de subúrbio. Na R., o dedo parou de vez. E ali ficou, sem que acontecesse nada, como um trem que para entre duas estações sem que ninguém diga por quê.

— Onze vezes? — perguntou a Júlia.

— Onze — disse a Mara. — Em nove, a Rua do Canal, 7, era uma parede.

— E por que não levou com o ovo? — perguntou a Júlia. Era justo o que eu estava pensando: mesma dona, mesma rua, mesma prateleira.

— Levei depois — disse a Mara. — Duas vezes, quando a Migalha já dormia no ninho.

— E nas duas a parede se abriu — disse a Vera. — E nas duas eu disse "ainda não". A Migalha não voava. Um kit de chegada para quem não decola é enfeite.

A parede se abriu duas vezes. A que não se abriu foi a Vera.

— E hoje? — perguntou a Mara.

— Ontem a Migalha escolheu a minha sopa.

Disse sem olhar para ninguém, com a voz lisa de quem dá um endereço que passou a manhã inteira repetindo por dentro.

— Abrir ou experimentar não é receber — disse a Mara, olhando para nós três, que somos os que precisam ouvir as regras duas vezes. — Se a Vera não assinar a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer ele volta.

— Eu sei — disse a Vera. — Só quero ver se funciona.

A etiqueta dizia ABRIR NO CHÃO, então a Vera se ajoelhou no chão da loja e abriu ali mesmo. O Toninho tinha levantado da caixa sem perceber e se agachou ao lado dela. Contou as peças em voz alta, tocando cada uma com o dedo, como quem carrega uma van. Era a primeira vez que eu o ouvia contar alguma coisa que não fossem minutos.

— Um colchonete, cinza, em três pedaços, dobrado como uma sanfona. Um lenço azul com um círculo branco no meio e uma presilha em cada canto. Duas marcas de borracha: SAÍDA e ESPERA. Um cartão. — Endireitou-se. — Cinco coisas. E um bilhete.

Ao abrir a primeira dobra do colchonete apareceram quatro botões costurados, redondos e sérios, desses de casaco de avô. A Júlia ligou com o dedo, no ar, cada botão à sua presilha. Ninguém tinha pedido.

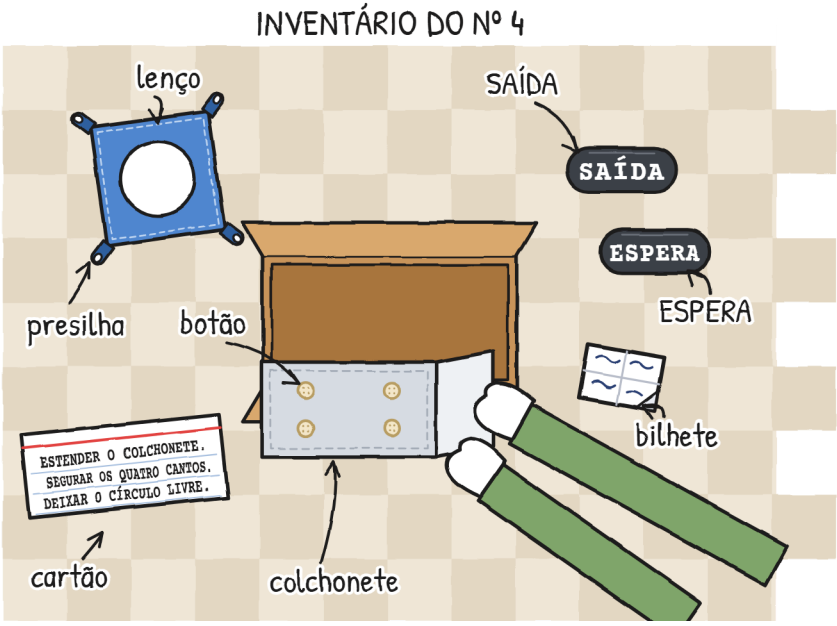
O cartão tinha três linhas, escritas à máquina:

1. ESTENDER O COLCHONETE.
2. SEGURAR OS QUATRO CANTOS.
3. DEIXAR O CÍRCULO LIVRE.

As duas primeiras mandavam fazer alguma coisa. A terceira me agradou sem eu saber por quê: era a única que pedia para não fazer nada.

O bilhete era mais curto. A Vera desdobrou, leu e dobrou de novo em quatro, apertando as dobras com a unha. Não leu em voz alta.

— Para o pátio — disse.



E guardou dentro da caixa. Não sei se falava com o bilhete, com a caixa ou com a gente.

Vi as perguntas da Júlia fazendo fila na boca; a primeira já estava de casaco. Vi também o pé: tec, tec, tec no chão da loja, num ritmo que serviria para marchar. Não perguntou nada. Foi o silêncio mais barulhento que já ouvi naquela loja.

Perguntas que eu não fiz: seis. Estou melhorando. –J.

A Mara pôs as condições de sempre sem contar nos dedos, porque a gente já sabe: o kit sai com a Vera, volta dentro da caixa e a etiqueta não se descola, nem por um cantinho. Depois ficou na porta, de braços cruzados e com a janelinha de cima aberta, e nos viu ir embora pela calçada: a Vera, com a caixa

debaixo de um braço e a Migalha no outro; o Toninho, andando ao lado da bicicleta; a Júlia, com as perguntas ainda na boca; e eu, com o caderno lilás colado no peito.

Na Rua do Canal, na frente do 7, a Migalha desceu do colo da Vera e apoiou a pata na placa de latão, rente ao chão.

A parede se abriu. Os tijolos da borda foram se afastando um a um, sem quebrar, como convidados que se levantam da mesa para deixar você passar.

O Toninho deu um passo para trás com a bicicleta. Já tinha visto a parede se abrir uma vez, mas de noite, quando a única coisa que se vê de uma parede que se abre é uma luz dourada. De dia impressiona mais: dá para ver tudo. Dá para ver a roupa no varal, a porta da cozinha, uma árvore num vaso com bolinhas amarelas e, num ninho do canto, um dragão azul que dormia com um ronco de chaleira.

A Vera deixou a caixa no chão do pátio e botou nós três em fila.

— Minhas condições — disse, contando nos dedos. — Uma: só se ensaia comigo na frente. Duas: tem um único lugar de chegada. Três: quando eu digo "basta", é basta.

Eu anotei. E embaixo, porque não sei ouvir uma condição sem querer medir, desenhei um aparelho. É o terceiro da minha carreira: o tremômetro do nº 2, o vermelhômetro do nº 3 e este. Chamei de AQUIÔMETRO, "quantos lugares estamos apontando para ela", e pus um ponteiro e três números.

O ponteiro deixei no 0. Num canto da planta do pátio desenhei um prato de sopa com um xis em cima e rotulei SEM SOPA. Nunca se sabe.





Um aparelho para contar até dois. Muito bonito. –J.

Estendemos o colchonete no meio do pátio, os três pedaços cinza um atrás do outro, com um barulho de sanfona que acorda. A Júlia pôs o lenço em cima e prendeu duas presilhas.

— Pronto.

Disse com aquele "pronto" dela que significa "e que ninguém me corrija".

— Olha a borda — disse a Vera.

Não disse "faltam duas" nem "leia o cartão". Disse "olha a borda", que é uma ordem com a porta aberta. Passou um pouco

de vento e o canto solto do lenço se levantou, como uma orelha. A Júlia prendeu as outras duas sem dizer nada.

Que a Júlia não diga nada é uma notícia.

Eu ia fazer isso. O vento foi mais rápido. –J.

Então quis ajudar eu.

Fiquei de pé no círculo branco, com os dois tênis bem plantados, como quem sobe num pedestal.

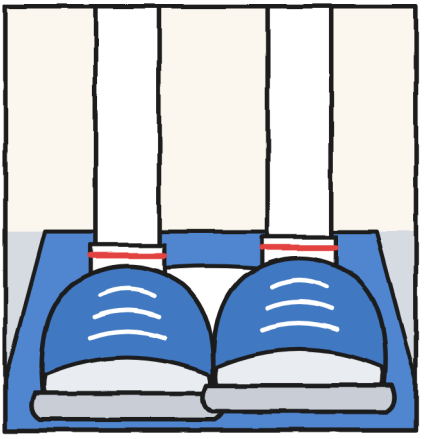
— Migalha, aqui. Aqui!

A Migalha veio andando, muito contente, com aquele balanço dela de quem vai a um aniversário, e sentou no meu tênis. Subiu uma coisa por dentro de mim, como quando toca o telefone de casa e perguntam por você.

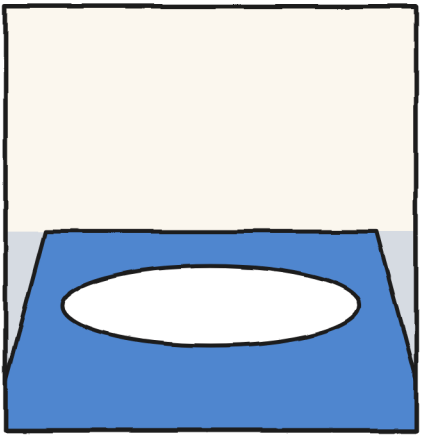
— Você está mostrando seus tênis para ela — disse a Vera.

Olhei. Brancos, com listras azuis, a sola gasta de um lado. E pela primeira vez vi como a Migalha os teria visto: de baixo, enormes, tapando tudo.

Saí do círculo. A Migalha olhou o círculo vazio. Cheirou. Entrou e sentou no meio.



1. O que a Migalha via



2. O que ela viu depois



A Vera botou a Migalha na marca de SAÍDA, numa ponta do colchonete, a um metro e vinte do centro do círculo. A nós botou atrás da marca de ESPERA, um pouco mais longe do que eu teria gostado.

Atrás de uma marca de ESPERA não há o que fazer com as mãos. Tentei nos bolsos, nas costas, cruzadas. Acabei agarrando o caderno lilás como um colete salva-vidas.

— Um salto pequeno. Um só.

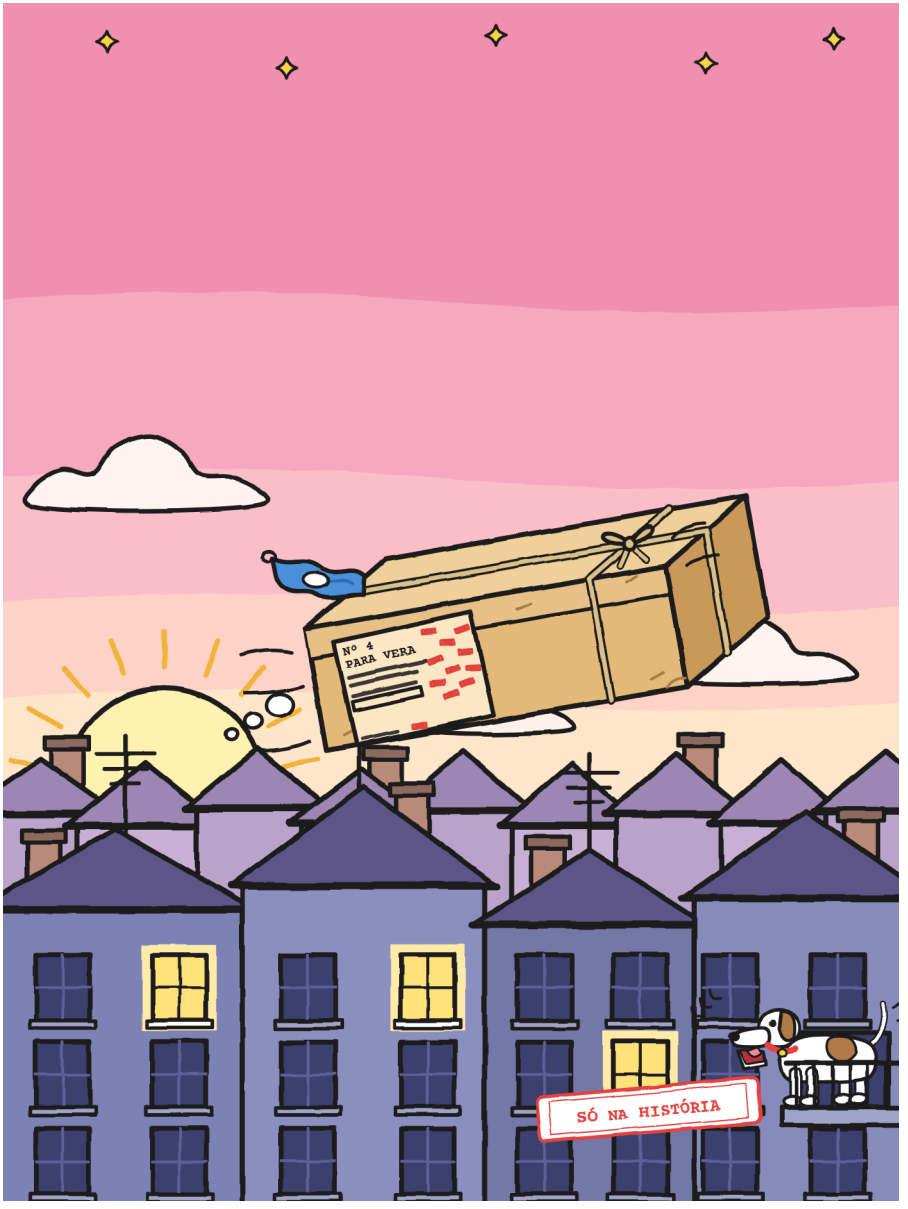
A Migalha se agachou. Bateu as asas, subiu um palmo e, dois segundos depois, desceu com as quatro patas dentro do círculo.

— Basta. Por hoje, basta.

Foram dois segundos e eu os senti nos joelhos. No pátio ninguém aplaudiu. A Vera tem um "basta" que apaga até os aplausos.

Eu anotei: "Veio até mim". A palavra "mim" saiu com um rabinho muito bonito. Depois a Júlia soltou as quatro presilhas e levantou o lenço para dobrar. A Migalha virou a cabeça e o seguiu com os olhos.

Você estava atrás da marca. Ela foi para o círculo. –J.


Nº 4
PARA VERA
SÓ NA HISTÓRIA

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. Mesmo círculo. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)